

## HÁ FLORES NO MEIO DO CAMINHO

Uma ação não pode ser promovida sem uma ideia. Sem reflexões, não há diferentes prismas, veredas capazes de acrescentar possibilidades de superação das demandas actanciais consideradas anacrônicas. A divergência, muitas vezes permeada de uma carga semântica pejorativa, por ser exótica em meio à homogeneidade, pode significar mudança. O gesto marginal, elucubração preñe de incógnitas, metaforicamente é emblemático: semelhante à bela flor baldia que irrompe do asfalto, demonstra vivacidade e colhe a seiva a partir da aparente impossibilidade.

No início de 2016, durante uma reunião com a Coordenação Adjunta do Estágio Supervisionado em Línguas Portuguesa e Inglesa no Ensino Fundamental e no Ensino Médio da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus Inhumas, os professores decidiram que a documentação de práticas de ensino das Línguas Portuguesa e Inglesa seria fundamental para a circulação de saberes com o objetivo de compartilhar experiências e ofertar o diálogo para efetivar transformações didático-pedagógicas. Foram diagnosticadas várias imposições conteudísticas; as inovações estavam cerceadas por currículos cristalizados por políticas públicas que, paradoxalmente, exigiam a mudança de paradigmas (do estruturalismo, forma pela forma, ao pós-estruturalismo, da forma à mobilização também do discurso, da história). A discussão filosófica de que o sistema linguístico, além da imanência estrutural, também abarcava as condições sócio-históricas, em um texto, tornou-se recorrente nos comentários sobre as orientações discentes. Mudanças foram diagnosticadas como emergenciais no caráter constitutivo de uma aula de língua. Nunca me esquecerei deste acontecimento: há flores no meio do caminho.

Com o significativo apoio da Carla Conti de Freitas, editora responsável pela REVELLI, periódico da UEG Câmpus Inhumas, ocorreu a idealização de um dossiê, cuja temática abarcasse *Práticas de letramento e ensino de línguas na educação básica: apontamentos sobre transformações urgentes na formação de professores*. Para intercambiar o diagnóstico de entraves epistemológicos e práticas de ensino que ainda interditam ações de qualidade e para viabilizar propostas intervencionistas favoráveis à formação integral dos cidadãos, o registro de algumas mediações pedagógicas da UEG Câmpus Inhumas foi somado à perspectiva de outros pesquisadores do ensino de línguas afiliados a outras universidades.

O primeiro artigo, intitulado *Ensinar a ler e a escrever numa sociedade de cultura oral*, de João Wanderley Geraldi (professor aposentado da Unicamp), aborda o aparecimento da escrita numa cultura oral e como a escola enfrenta impasses de ordem política ao ensinar o acesso à cultura escrita, que nunca se revela de modo pleno devido às relações desiguais de poder.

Em *Memória de aula: uma experimentação de autoria*, de Agostinho Potenciano de Souza (UFG), há uma análise do processo de subjetivação, de autoria, numa experiência de escrita cujo gênero textual é a memória de aula. O artigo revela a presença de diversas exigências de produções textuais inócuas quanto à interlocução, mais próximas ao relato objetivo, o que promove o apagamento da voz dos alunos.

O terceiro texto, *Gêneros acadêmicos: práticas de interpretação e produção de textos*, de Eliane Marquez da Fonseca Fernandes (UFG), aponta o recrudescimento do déficit das

práticas de letramento na leitura e produção textuais de alunos de Letras, de 2014. A observação participante, metodologia da pesquisadora, permitiu mediar o emprego adequado dos gêneros textuais *resumo, esquema, fichamento e glossário*.

*Ensino de leitura e mediação pedagógica: reflexões teórico-metodológicas*, de Maria Margarete Pozzobon (UEG – Câmpus Inhumas), demonstra a importância da mediação pedagógica. Aponta que o aluno-leitor é permeado de condições sócio-histórico-ideológicas. Por ser interacional o ato de leitura, o professor deve atuar a fim de que sejam superadas as limitações dos alunos para uma compreensão leitora.

O quinto artigo, *A atuação de forças centrípeta e centrífuga nos discursos sobre o ensino da língua portuguesa*, de Janete Abreu Holanda (UEG – Câmpus Goiás), analisa enunciados da Base Nacional Comum Curricular e o ensino de língua portuguesa pelos gêneros textuais. Para isso, há um panorama historiográfico traçado desde a década de 1970, período que recomendava a prescrição de regras linguísticas.

Em *Formação de professores de língua portuguesa na educação básica: as complexas relações entre teoria e prática*, Alexandre Ferreira da Costa (UFG) e Sarah Suzane Bertolli Gonçalves (UFG) perscrutam a regularidade dos questionamentos dos educadores nos encontros formativos. É frequente a troca de experiência e a relação entre a teoria e a prática da formação de professores para o exercício docente.

O artigo *Alíngua portuguesa aos pedaços no ensino médio: paradoxos entre epistemologias e práticas docentes de gramática, literatura e redação*, de Luana Alves Luterman (UEG), Eliane Marquez da Fonseca Fernandes (UFG) e Agostinho Potenciano de Souza (UFG), investigam descompasso entre a prática fragmentada da docência de língua portuguesa no ensino médio e as recomendações epistemológicas. Muitas vezes, a análise linguística tem se restringido à mera constatação de nomenclaturas.

Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (UnB), Andérbio Márcio Silva Martins (UFGD) e Lucivaldo Silva da Costa (UNIFESSPA), no texto *Práticas de letramento e ensino de línguas na educação básica em escolas indígenas*, refletem, por meio da língua Xikrín, sobre a importância da escrita e do letramento na formação linguística de professores pesquisadores indígenas, práticas sociais diferentes do modelo automático e mecânico de aprendizagem.

*(Auto)imagens de uma professora de língua portuguesa*, de Hélivio Frank de Oliveira (UEG – Câmpus Itapuranga), Maria Dolores Martins de Araújo (UFG) e Bruna Angélica Gonçalves (UFG), resulta da pesquisa sobre a constituição da identidade profissional de uma professora de língua portuguesa de ensino médio de uma escola pública no interior de Goiás. Os pesquisadores constataam a pluralidade de vozes, práticas e saberes acumulada ao longo das experiências pessoais e profissionais.

O décimo artigo, denominado *Concepções metodológicas sobre o ensino de língua portuguesa na escola pública: perspectivas de professoras/es em formação inicial*, de Marcelo Maciel Ribeiro Filho (UEG – Câmpus Inhumas) e Luana Alves Luterman (UEG – Câmpus Inhumas), resultado parcial de uma pesquisa de Pró-Licenciatura, baseia-se nas concepções prévias de professores/as em formação inicial a respeito do ensino de Gramática, Literatura e Produção Textual no ensino médio.

No artigo *Formação inicial e continuada de professores na Universidade Estadual de Goiás (UEG): a interdisciplinaridade contida nas orientações e vivência curriculares*, Amanda Ruany Pires de Sousa (UEG – ESEFFEGO) e Yara Fonseca de Oliveira Silva (UEG

– UnUCSEH/MIELT) pesquisamos a formação inicial e continuada por um currículo que contemple a interdisciplinaridade. São instrumentos analíticos o Projeto Político Institucional e o Projeto Pedagógico do Curso de Educação Física.

*Brincar de ler em outra dimensão: literatura infantil nos anos iniciais para a formação de leitores*, de Iara Rocha de Oliveira Cruz (Faculdade Araguaia) e Luana Alves Luterman (UEG – Câmpus Inhumas), examina a importância da literatura infantil com efeito tridimensional devido ao aspecto lúdico, permeado de prazer e entretenimento, o que contribui para a formação intelectual e estimula futuros leitores.

O artigo *Ações pedagógicas voltadas para os letramentos críticos: uma proposta para o estágio supervisionado de língua inglesa*, de Giuliana Castro Brossi e Valéria Rosa da Silva (ambas da UEG – Câmpus Inhumas), certifica que temas críticos nas salas de aula de língua inglesa possibilitam a transformação da realidade de alunos e de professores.

Em *Reflexões de uma professora em formação sobre o cenário de sala de aula e o processo de ensino de língua inglesa numa escola pública*, Kamila Kátya da Silva Monteiro e Alcides Hermes Thereza Júnior (ambos da UEG – Câmpus Inhumas) descrevem analiticamente as atividades intervencionistas de leitura dirigida ocorridas no período de semirregência desenvolvido no Estágio Supervisionado em Língua Inglesa.

O artigo *Professoras de estágio do curso de letras: aspectos inovativos de uma prática transdisciplinar*, de Patrícia Maria Ferreira e Carla Conti de Freitas (ambas da UEG – Câmpus Inhumas), propõe um estudo sobre a atitude transdisciplinar das professoras de estágio de língua portuguesa e língua inglesa do curso de Letras. São apresentadas reflexões sobre o projeto do estágio e sobre as atitudes, se são inter/transdisciplinares ou não.

As ideias estão lançadas. As ações satisfatórias podem ser experimentadas para ampliar a formação discente. Como Bernard Shaw preconiza, “o progresso é impossível sem mudança. Aqueles que não conseguem mudar as suas mentes não conseguem mudar nada”. A educação não tradicional é feita de olhares caleidoscópicos, uma miscelânea que propicia, cotidianamente, efeitos na formação de uma parcela populacional – pois a Constituição Federal do Brasil ainda não cumpre o direito à frequência escolar de cada cidadão. Ainda aguardamos a pluralidade cidadã, o acesso democrático à educação, a autonomia crítica para transformações sociais urgentes. Façamos a nossa parte. Sejamos as flores perspicazes e corajosas que aparecem no asfalto.

Luana Alves Luterman  
*Organização*